

OLIMPO

138 - ABRIL - JUNHO 2014

CONGRESSO NACIONAL OLÍMPICO 2014

SAR O OLIMPISMO
STEMUNHO PARA O FUTURO.

PENSAR O OLIMPISMO

//3º Jogos da Lusofonia
Os Jogos do Povo

//Sochi 2014
Um futuro risonho

//Entrevistas
Alejandro Blanco e José Garcia



OS GRANDES DESAFIOS CONTAM
COM O APOIO DE UMA GRANDE REDE

Patrocinadora Oficial do Comité Olímpico de Portugal, a REN apoia os atletas que representam o País com orgulho e distinção.



04
INSTANTES
Eusébio da Silva Ferreira

05
EDITORIAL
Unidade da Missão

06
FLASHES
Notícias

10
EM FOCO
*O calor de Sochi e
III Jogos da Lusofonia*



14
PÓDIO
Congresso Nacional Olímpico 2014



20
ZONA MISTA
*Entrevista Alejandro
Blanco*

24
OPINIÃO
João Querido Manha

25
FEDERAÇÕES
Rugby



26
MISSÃO
José Garcia

28
ACADEMIA
*XV Congresso da Associação
Pan-ibérica de Academias Olímpicas*

29
OS MEUS JOGOS
Nuno Delgado



30
MUSEU OLÍMPICO
St. Louis 1904

32
OPINIÃO
Luís Paulo Relógio



33
FORA DE CAMPO
*Entrevista a
Fátima Lopes*

34
ROTEIRO
Nanjing

35
AGENDA

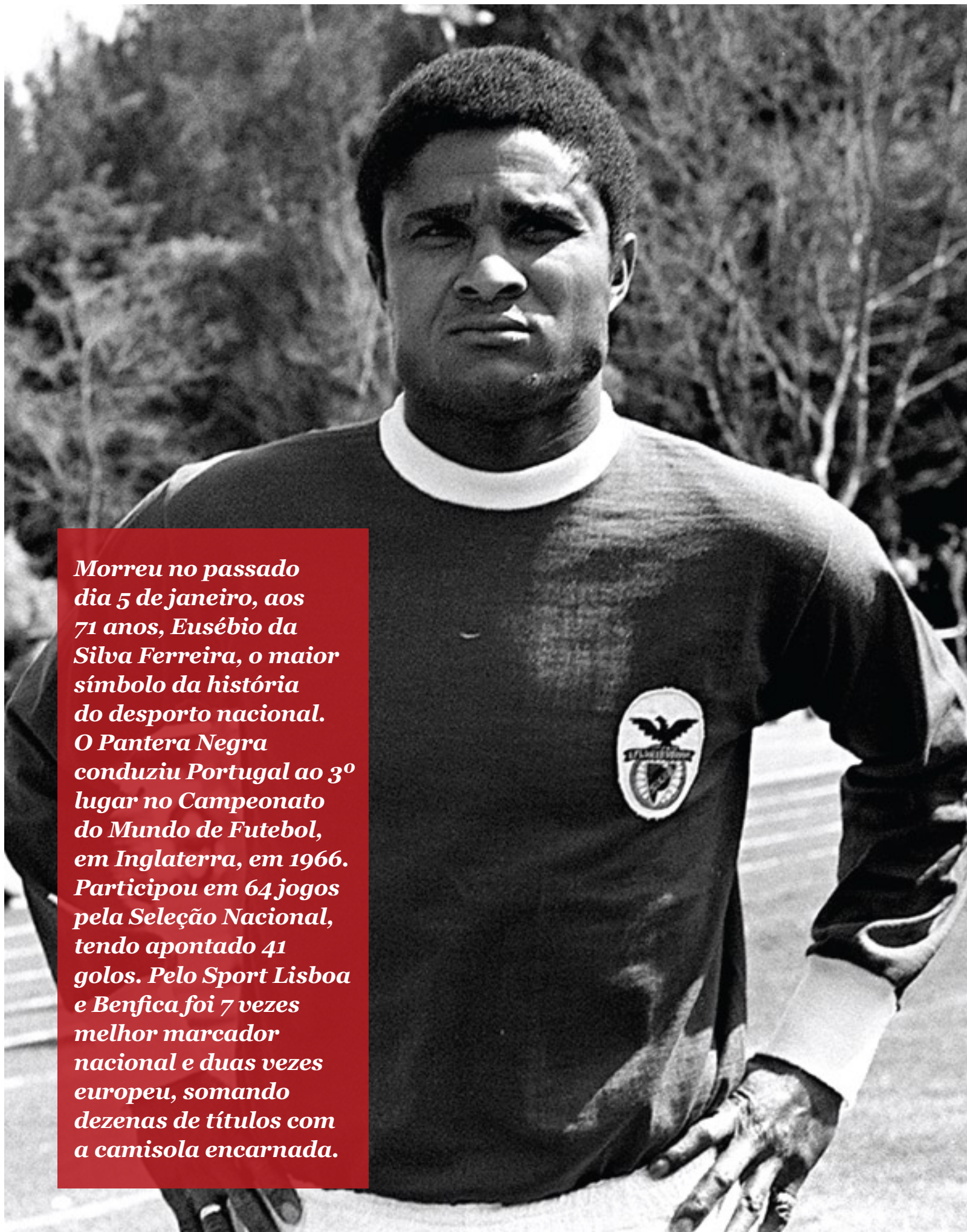
OLIMPO

Propriedade e Edição
Comité Olímpico de Portugal
Travessa da Memória, 36
1300-403 Lisboa
Tel.: 21 361 72 60
Fax: 21 363 69 67

Diretor
José Manuel Constantino
Diretor Executivo
João Malha
Fotos
Shoot Happens, COI, COP, Lusa,
Getty Images.

**Projeto Gráfico e
Paginação**
Verse.pt
Impressão
Soartes- Artes Gráficas, Lda.
Tiragem
1.000 exemplares

Periodicidade
Trimestral
Numero de Registo ICS
102203
Depósito Legal
9083/95
Distribuição gratuita



Morreu no passado dia 5 de janeiro, aos 71 anos, Eusébio da Silva Ferreira, o maior símbolo da história do desporto nacional. O Pantera Negra conduziu Portugal ao 3º lugar no Campeonato do Mundo de Futebol, em Inglaterra, em 1966. Participou em 64 jogos pela Seleção Nacional, tendo apontado 41 golos. Pelo Sport Lisboa e Benfica foi 7 vezes melhor marcador nacional e duas vezes europeu, somando dezenas de títulos com a camisola encarnada.



José Manuel Constantino
Presidente do Comité Olímpico de Portugal

UNIDADE de Missão

Aliar o desporto à cultura e à educação constitui um traço distintivo e um dos princípios fundamentais do Olimpismo vertido na Carta Olímpica, de capital importância num contexto onde a gestão de equilíbrios nesta tríade tende a ser assimétrica em desfavor do desporto. Aos Comités Olímpicos Nacionais cabe um papel inalienável na reversão desta tendência para cumprir com sucesso a missão de "...colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana...", conferindo assim expressão à riqueza dos valores olímpicos e assumindo a relevância do seu legado social, muito para além dos efémeros circunstancialismos da competição desportiva.

Trata-se desde logo de uma responsabilidade perante os agentes desportivos que atualmente, mas também no passado, têm edificado os princípios universais do Movimento Olímpico através da sua participação em missões olímpicas enquanto atletas, dirigentes, juízes ou treinadores. Porque nem sempre perdura a memória daqueles que serviram o país ao mais alto nível desportivo. A começar nas organizações desportivas que perdem o seu rasto após o terminus da carreira desportiva, só o retomando quando confrontadas com casos socialmente críticos.

O Comité Olímpico de Portugal desenvolveu um programa de responsabilidade social tendo por objetivo congregar uma rede de parceiros no sentido de disponibilizar um

conjunto de respostas sociais no âmbito da saúde, do emprego e da educação ao universo de agentes desportivos que compõem o atual Projeto Rio 2016, bem como àqueles que anteriormente integraram missões portuguesas aos Jogos Olímpicos.

E, para este último grupo potencialmente beneficiário das medidas de apoio, o COP, em parceria com as federações desportivas, encontra-se a consolidar um registo atualizado da sua situação escolar e profissional. Porque mais do que preservar a memória, gerir a carreira desportiva, compatibilizá-la com a vivência académica e profissional, ou assegurar a transição e a estabilidade no final da carreira, está em causa a solidariedade da família olímpica perante aqueles que se empenham em dignificar o país ao mais alto nível, numa verdadeira missão de compromisso e responsabilidade social das instituições e do nosso tecido empresarial para com o desporto à margem de interesses comerciais imediatos. Por isso, e para isso, a recém-criada Unidade de Missão para a Solidariedade e Responsabilidade Olímpica acolherá no seu seio todos os parceiros interessados em alargar a rede de apoios sociais para, com os nossos atletas, superarmos os desafios que se colocam à sua preparação mas também, junto dos heróis do passado, sabermos preservar a herança que nos deixaram através da valorização e dignificação das suas vidas. ◻

NOTÍCIAS

CRISTIANO RONALDO VENCE BALLON D'OR

Cristiano Ronaldo conquistou pela segunda vez a Bola de Ouro FIFA/France Football. O capitão da Seleção Nacional de futebol repete, desta forma, o galardão de 2008, na altura enquanto jogador do Manchester United. O ano de 2013 de Ronaldo ficou marcado, inevitavelmente, pelos 69 golos apontados em 59 partidas oficiais (tanto pelo Real Madrid como pela Seleção Nacional), aos que somou 17 assistências. Em 2013, Cristiano Ronaldo conseguiu bater, ainda, vários recordes pessoais e tornou-se no jogador com a segunda melhor média de golos do campeonato espanhol (1,08 por jogo) e no quarto melhor marcador de sempre do Real Madrid, ultrapassando o mítico avançado mexicano Hugo Sánchez. De recordar que Cristiano Ronaldo foi atleta olímpico em 2004, em Atenas, com a Seleção Nacional de Futebol que participou nos Jogos Olímpicos.



UM ANO REPLETO DE ATIVIDADES

O COP irá promover um conjunto de iniciativas em 2014, cujo início foi o Congresso Nacional Olímpico. Entre as atividades previstas destacam-se dois seminários internacionais, no âmbito do Programa de Formação Avançada de Treinadores. Sob os temas "Serial Winning Coaches - Treinadores Vencedores" e "Composição Corporal e Regulação Energética no Desporto", estes seminários estão agendados para o próximo mês de junho e contarão com a presença de oradores de diversos países, como é o caso dos EUA, Reino Unido, Noruega, Suíça, Espanha, entre outros. De realçar também a celebração dos 100 anos dos Anéis Olímpicos, que terá lugar no dia 12 de abril, em Almada, no Dia Internacional do Desporto para o Desenvolvimento e Paz, bem como as várias ações de formação para treinadores, o ciclo de conferências com o tema "O homem máquina, discurso sobre o corpo" e as jornadas Doping e Ética, a decorrer no mês de outubro em Sintra.

OLÍMPICOS NA ESCOLA

Teve lugar uma ação com atletas olímpicos na Escola EBI São Bruno, em Caxias, promovida pela Comissão de Atletas Olímpicos, Câmara Municipal de Oeiras e pelo Plano Nacional de Ética no Desporto, onde Nuno Barreto, David Rosa e Jorge Paula deram a conhecer a mais de 150 crianças as suas experiências olímpicas. Também o paraciclista Fábio Inácio partilhou a sua vivência desportiva com os jovens. Este evento serviu também para apresentar um projeto conjunto da CAO e PNED, os Postais dos Atletas.



PLENO DE TELMA SANTOS

Quatro vitórias em outras tantas participações de Telma Santos em torneios internacionais de Badminton na temporada de 2013/2014. A atleta olímpica natural de Peniche impôs-se na África do Sul, depois de nas semanas anteriores ter conquistado as competições do Botswana, Marrocos e Israel. Com estas vitórias, a badmíntista portuguesa pulou mais de 200 lugares nos últimos meses no ranking internacional graças às vitórias que tem vindo a conquistar desde final de outubro, quando venceu o primeiro destes quatro torneios, em Israel. Infelizmente, após esta vitória em Pretória, Telma Santos sofreu uma lesão tendo sido obrigada a enfrentar uma intervenção cirúrgica que a irá afastar durante algumas semanas das competições.

INAUGURADO MUSEU OLÍMPICO

O Museu abriu as portas ao público no dia 21 de dezembro, 23 meses depois do início dos trabalhos de renovação. Dirigido por Francis Gabet, o Museu Olímpico integra agora as últimas inovações tecnológicas e uma nova abordagem museológica. Visitantes de todo o mundo poderão mergulhar na história, legado, sonhos, desafios e valores que contribuíram para tornar o Movimento Olímpico aquilo que é hoje. A visita começa no Parque Olímpico, inteiramente redesenhado, antes da entrada na área de exposição que praticamente dobrou a sua área para 3.000 metros quadrados, com a exposição permanente a ocupar três pisos. O Museu Olímpico foi inaugurado pela primeira vez no dia 23 de junho de 1993. Desde então acolheu mais de três milhões de visitantes em vinte anos de existência, tendo tido mais de 200 exposições temporárias, das quais 50 fora das suas paredes. A sua missão é explicar e partilhar a ideia olímpica que está por detrás da celebração dos Jogos, bem como promover e destacar o contributo do olimpismo para a sociedade de ontem, hoje e de amanhã.

DIOGO CARVALHO DE BRONZE

Diogo Carvalho conquistou medalha de bronze na final dos 200m estilos do Campeonato da Europa de piscina curta em Herning, Dinamarca, naquela que é a terceira medalha que Portugal soma na história desta competição. Na sua 17.ª final em Europeus de piscina curta e por três vezes ter sido quarto classificado, o nadador português quebrou a malapata e garantiu o terceiro lugar com a marca de 1:54.89, acima do recorde nacional de 1:54.58 que está na sua posse desde os Europeus de Istambul em 2009. Com o bronze de Diogo Carvalho, Portugal conquista a sua terceira medalha na história de participações em Europeus de piscina curta, depois de José Couto ter alcançado, na edição de 2009 (Jamor), a prata nos 200m bruços e o bronze nos 100m bruços.

RELANÇADO ATHLETE CAREER PROGRAM

O Comité Olímpico de Portugal, a Comissão de Atletas Olímpicos e a Adecco relançaram o Athlete Career Program (ACP), um programa que visa preparar e apoiar os atletas olímpicos no pós-carreira, quer através da promoção de ações de formação, quer através de oportunidades de trabalho. No momento do arranque, são já 17 os atletas olímpicos integrados no ACP. Este programa surge uma parceria estabelecida entre o Comité Olímpico Internacional e a Adecco Internacional, já em 1999, dando origem ao programa em 2004. Esta parceria foi em 2012 renovada, prolongando-se agora até 2020. Em Portugal, apesar de o programa existir, nunca funcionou na sua plenitude, pelo que a assinatura formal do programa entre as três entidades, marca um arranque definitivo do ACP no nosso país.



COP RECEBEU MACAU

O COP recebeu na sua sede uma Delegação Macaense encabeçada por Vong Iao Lek, Presidente ACOLOP, e por José Maria da Fonseca Tavares, Presidente do Instituto do Desporto do Governo da Região Administrativa Especial de Macau. Para o Presidente do COP, esta visita vem reforçar os laços existentes. "Temos tido relações de grande proximidade com Macau, não só com o Instituto do Desporto do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, mas também com a ACOLOP. Relações de afetividade, das pessoas e das organizações, que queremos continuar a manter."

MARCOS FREITAS VENCE TAÇA DA EUROPA

Marcos Freitas venceu de forma categórica a Taça da Europa DHS 2014, competição que reuniu os 12 melhores jogadores da Europa em Vallée de Jeunesse, Lausanne (Suíça). O olímpico português derrotou na final o dinamarquês Michael Maze por 4-0 (parciais de 11-7, 11-6, 11-8 e 11-7). O jogador madeirense esteve imparável na competição, não tendo perdido nenhum dos cinco jogos disputados. A vitória na competição garantiu-lhe a qualificação para a Taça do Mundo que se vai disputar em outubro em Dusseldorf, na Alemanha.



ARQUIVO AUDIOVISUAL NA CINEMATECA

O Comité Olímpico de Portugal e a Cinemateca celebraram um protocolo que prevê o depósito de todo o material fílmico histórico do COP no ANIM-Arquivo Nacional das Imagens em Movimento. De entre os vários materiais depositados, destaque para um filme que documenta a Reunião do Comité Olímpico Internacional, em Lisboa, em 1926, que deverá ser restaurado no próximo ano. Neste arquivo incluem-se dois filmes de produção portuguesa e nove de produção estrangeira. Estes filmes poderão vir a ser exibidos futuramente pela Cinemateca.

NOTÍCIAS

SIMAS DISTINGUIDO PELO COI

O COI decidiu premiar os Serviços Intermunicipalizados de Água e Saneamento (SIMAS) da Amadora e Oeiras com o diploma Desporto e Ambiente que, anualmente, reconhece o trabalho feito por instituições em todo o mundo na área ambiental. Esta é a primeira vez que uma instituição nacional é reconhecida pelo COI neste campo desde o lançamento destes prémios em 2009. O diploma foi entregue pelo Presidente do COP, em representação do COI. Para a Presidente da CM da Amadora e Presidente do Conselho de Administração do SIMAS, Carla Tavares, "o diploma que nos foi atribuído pelo Comité Olímpico Internacional é um incentivo para todos aqueles que compõem o SIMAS e que diariamente trabalham e desenvolvem as suas atividades". Também o Presidente da CM Oeiras e Administrador do SIMAS, Paulo Vistas, manifestou o seu contentamento. "Este é um reconhecimento importante, de uma instituição internacional de referência, o que demonstra que temos trabalhado bem e que estamos no caminho certo. Queremos continuar a desenvolver um trabalho relevante para as nossas comunidades".

CONTRATO-PROGRAMA PARA O RIO2016 ASSINADO

Foi assinado o contrato-programa de preparação olímpica que garante o apoio aos atletas olímpicos até 2017, ano após os Jogos do Rio, algo inédito, dado que os contratos anteriores apenas previam o apoio até ao ano da edição dos Jogos. No total serão 15,7 milhões de euros para o Programa de Preparação Olímpica, dos quais 1,7 milhões foram disponibilizados em 2013. O acordo prevê assim que o apoio se estenda ao ano de 2017, com um financiamento nesse ano de 2 milhões de euros, lançando assim as bases de preparação para o ciclo olímpico seguinte. O presidente do COP, José Manuel Constantino, destacou a atribuição dos apoios em função do mérito desportivo e as alterações quanto ao período de manutenção no projeto de preparação olímpica. "Recebe mais quem tem melhores resultados, sendo que a exigência de confirmação dos resultados ao fim de dois anos e não de quatro, como acontecia anteriormente, visa aumentar o grau de competitividade e o mérito dos atletas". Tendo ainda acrescentado que "os 17,7 milhões de euros serão em grande parte canalizados para os atletas, através das federações, ficando o COP apenas com três por cento desse montante". Outra das grandes alterações destacadas pelo Presidente do COP é o facto de o documento assinado "permitir a transição de saldos de um ano para o outro" e a "transferência de verbas entre subprogramas", o que não acontecia anteriormente e será uma vantagem de gestão pois evita a devolução de verbas ao Governo, como se verificou nos ciclos anteriores.



UTAD ATRIBUI GRAU HONORIS CAUSA AO COP

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) vai atribuir o grau Doutor Honoris causa ao Comité Olímpico de Portugal (COP) no próximo dia 23 de junho de 2014, data em que se celebra o Dia Olímpico, cujas atividades terão lugar em Vila Real este ano. Com a atribuição deste importante grau honorífico a UTAD pretende homenagear esta instituição "pelos relevantes serviços prestados ao desporto português, pela disseminação dos valores relativos aos ideais olímpicos na sociedade portuguesa e pelos significativos resultados desportivos de todos os atletas olímpicos". Esta cerimónia será integrada nas celebrações do Dia Olímpico, em que serão realizadas "um conjunto de atividades relacionadas com a atividade física, o desporto e o olimpismo", onde os valores olímpicos são o foco destas ações que se iniciam com a "cerimónia de acender a chama e a pira olímpica".

JOÃO COSTA CONTINUA A BRILHAR

Depois de um ano de 2013 repleto de medalhas, o atleta olímpico João Costa, que ocupa a 5ª posição do Ranking Europeu na disciplina de Pistola de Ar Comprimido a 10m, entrou em 2014 com a mesma pontaria, conquistando a medalha de bronze na Final desta disciplina, no Campeonato da Europa de Ar Comprimido, que se realizou em Moscovo.



UM DIA OLÍMPICO

"Um dia olímpico" é um livro da autoria da socióloga Ana Santos, que relata o testemunho do ciclo olímpico de alguns dos atletas que estiveram presentes nos Jogos Olímpicos de Londres 2012. A iniciativa deste projeto é da Associação de Antigos Atletas Olímpicos (AAOP) e contou com o apoio do Comité Olímpico de Portugal, sendo este livro o primeiro que nasce do protocolo assinado este ano pelo COP e pela editora Visão e Contextos. Este livro nasce de um projeto levado a cabo pela AAOP em 2012, denominado O Diário dos Olímpicos, que se tratou de uma plataforma online onde vários atletas olímpicos portugueses relataram o seu dia a dia até ao grande momento da participação no maior evento multidesportivo do mundo. Destas vivências relatadas pelos atletas, a autora Ana Santos escreveu a obra "Um dia Olímpico".

2014 FIFA WORLD CUP BRAZIL™

MOEDAS DE COLEÇÃO COMEMORATIVAS OURO E PRATA PROOF
THE OFFICIAL GOLD AND SILVER PROOF COMMEMORATIVE COINS OF THE 2014 FIFA WORLD CUP™
AUTOR | AUTHOR HUGO MACIEL



INCM

IMPRESA NACIONAL
CASA DE MOEDA, S.A.
T + 351 217 810 300
F + 351 217 810 814
MOEDAPOCLENTE@INCM.PT
WWW.INCM.PT



O calor de Sochi

Foi num clima pouco usual para uns Jogos de inverno, marcado por bom tempo e algum calor, que tiveram lugar os XXII Jogos Olímpicos de inverno. Sochi foi o palco da grande festa do olimpismo, onde Portugal lançou alicerces para um futuro mais risonho nos desportos de inverno.



Os Jogos dos atletas. Foi este o termo encontrado por muitos para resumir os Jogos Olímpicos de inverno Sochi 2014. Depois de muitas polémicas antes do início, com hipotéticos boicotes devido à questão de discriminação sexual, casas de banho duplas, entre outras, para além de várias ameaças terroristas, o balanço final foi de uma edição inesquecível, marcada por excelentes performances, com a Rússia a dominar e a vencer o medalheiro, ultrapassando a Noruega já nos últimos dias de competição, fazendo valer o fator casa. Também as condições meteorológicas se fizeram sentir. Dias de sol e algum calor atrapalharam algumas competições, tornando a neve mole e difícil, que o diga o português Arthur Hanse que na prova de Slalom foi apenas um de mais de setenta atletas que não conseguiram

chegar ao fim. Por algum motivo, Sochi é uma estância de verão do Báltico, nestes Jogos, isso foi facilmente perceptível. Foi também em Sochi que Ole Einar Bjoerndalen, da Noruega, fez história, ao tornar-se no atleta com mais medalhas em Jogos Olímpicos de inverno, com 13 medalhas. Destaque ainda para a estreia de seis Comitês Olímpicos Nacionais em edições de inverno (Malta, Paraguai, Timor-Leste, Togo, Tonga e Zimbabué) e para o recorde de participação de atletas, 2876, dos quais mais de 40% são atletas femininas. Para a história ficarem também as cerimónias, de abertura e encerramento. Épicas, imponentes, com muitas coreografias, jogos de luzes, extraordinários pormenores cénicos (arranha-céus, pontes, catedrais, cavalos voadores, etc.) e música. A cerimónia de abertura esteve a cargo de Andrei Boltenko, um famoso produtor de entretenimento russo, especializado em

eventos televisivos. A coreografia foi da responsabilidade do norte-americano Daniel Ezralow, bailarino e coreógrafo, que já foi responsável por espectáculos internacionais de nomeada, como alguns do Cirque du Soleil, bem como de filmes de Hollywood, onde se destaca Across the Universe, musical tendo por base a discografia dos The Beatles.



Um futuro risonho

Para Portugal, Sochi foi um ponto de viragem para os desportos de inverno. Jamais o nosso país tinha tido dois representantes na modalidade rainha dos Jogos, o Esqui Alpino. O balanço final saldou-se num 40º lugar de Camille Dias na prova de Slalom, que foi o ponto alto, ela que conseguiu igualmente concluir a prova de Slalom Gigante, mas no 59º lugar. Pior sorte teve Arthur Hanse que não logrou terminar nenhuma das provas, para sua frustração e da comitiva nacional. Pedro Farromba, Chefe da Missão Olímpica e Presidente da Federação de Desportos de Inverno, fez um balanço muito positivo em termos desportivos. “Tendo em conta a falta de experiência dos nossos atletas, a avaliação que fazemos só pode ser positiva. Temos dois atletas nos Jogos Olímpicos é muito bom, ainda para mais na modalidade que reúne mais atenção, o esqui alpino. Claro que gostaríamos que o Arthur tivesse acabado ambas as provas, mas este desporto é mesmo assim, um erro e está-se fora, o que custa muito quando se



Arthur Hanse

trabalha um ano inteiro para cá chegar e numa fração de segundo acabou. Mas Sochi é o início de um caminho para todos nós”. Um caminho que poderá levar mais atletas e conduzir Portugal a resultados de maior destaque, segundo o Chefe de Missão. “Temos vindo a fazer um trabalho de prospeção pelas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, que para Sochi permitiu estarmos presentes com o Arthur e com a Camille. Porém, outros há que já estão identificados e cujo nível competitivo irá permitir termos mais atletas na Coreia do Sul em 2018 e, simultaneamente, com outras possibilidades em termos desportivos, pois possuem um nível mais alto. Mas também o Arthur e a Camille têm excelente potencial, são muito novos e com a experiência aqui adquirida, e a que irão por certo adquirir neste período com participação em provas internacionais importantes, poderão olhar para os Jogos Olímpicos com outras ambições. Esta foi a primeira vez que tivemos uma atleta feminina no esqui alpino, o que é revelador do longo caminho que temos pela frente. Sochi foi uma grande aprendizagem para nós, para os atletas, pelo que agora vamos procurar os apoios públicos e privados para darmos condições a estes atletas para terem uma preparação melhor para atingirem um nível superior. A visibilidade que aqui conseguimos irá contribuir decisivamente para isso, assim como poderá permitir trazer mais praticantes para estes desportos”.



Camille Dias

Medalheiro

	RUS	13	11	9	33
	NOR	11	5	10	26
	CAN	10	10	5	25
	USA	9	7	12	28
	NED	8	7	9	24

Números e curiosidades

- Participação de 88 Comitês Olímpicos, um recorde nos Jogos Olímpicos de inverno.
- Medalhas ganhas por atletas de 26 países diferentes.
- 12 novos eventos, incluindo esqui e snowboard slopestyle masculino e feminino e também salto de esqui feminino.
- 61 atletas que participaram nos Jogos Olímpicos da Juventude de inverno de Innsbruck 2012. Estes atletas conquistaram três medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze.
- Mais de 1.2 milhões de bilhetes vendidos.
- Visitantes do Parque Olímpico ultrapassam os 100.000 diários.
- Foram transmitidas 88.000 mil horas naquele que é o recorde para a maior cobertura televisiva e digital de uns Jogos Olímpicos de inverno.
- Uma potencial audiência mundial de 4.1 mil milhões de espectadores.
- Número recorde de acessos ao site do COI, mais de 12 milhões de visitas.
- O envolvimento das redes sociais atingiu um novo recorde dos Jogos Olímpicos, seja edição de verão ou inverno: mais de 2.2 milhões de novos seguidores das redes sociais do movimento olímpico apenas na primeira semana, tendo atingido mais de 7.5 milhões os fãs no facebook. Os posts do facebook atingem já os 17.6 milhões por dia.

3^{os} Jogos da Lusofonia

OS JOGOS DO POVO

Estádios e pavilhões cheios. Muita festa e clima de sã convivência e competência entre todos os participantes. Assim foram os terceiros Jogos da Lusofonia, onde o povo indiano viveu intensamente cada momento e competição e onde a língua portuguesa se voltou a ouvir num país com forte ligação histórica a Portugal.

Os atrasos na construção das infraestruturas desportivas quase provocaram o cancelamento da terceira edição dos Jogos da Lusofonia. Inicialmente marcados para novembro de 2013, os Jogos tiveram de ser reagendados para o início de 2014, de forma a garantir que tudo estava pronto para a competição. Felizmente, a organização conseguiu cumprir os prazos numa segunda tentativa, permitindo a realização dos Jogos da Lusofonia que, com toda a certeza, ficarão na memória de todos aqueles que neles participaram. Atletas, treinadores, árbitros, dirigentes e público.

Foi perante plateias quase sempre repletas que estes Jogos da Lusofonia se desenrolaram, numa afluência nunca antes vista nas anteriores edições, em Macau e Lisboa. Goa esteve à altura e apesar de alguns problemas iniciais com a pouca utilização da língua portuguesa, tudo foi rapidamente ultrapassado, com a competição e a festa que a rodeou a serem os principais motivos de interesse.



Portugal conseguiu alcançar o segundo lugar do medalheiro, apenas superado pelo país organizador, a Índia, cujo número de atletas inscritos era muito superior ao contingente nacional, que esteve representado nas modalidades de Atletismo, Judo, Taekwondo, Ténis de Mesa, Voleibol de Praia e Wushu, num total de 57 atletas.



O nosso país conquistou um total de 49 medalhas (18 de ouro, 20 de prata e 11 de bronze), atrás da Índia, que dominou completamente estes Jogos, somando 92 medalhas (37 de ouro, 27 de prata e 28 de bronze). Fechou o pódio Macau, com 38 medalhas (15 de ouro, 9 de prata e 14 de bronze). Com estes resultados, e dada a participação do Brasil apenas numa modalidade (Wushu), Portugal assumiu a liderança dos Jogos da Lusofonia em número de medalhas, com um total de 174 medalhas, contra 139 do Brasil, apesar de os canarinhos continuarem a dominar em medalhas de ouro, somando 64, contra 55 de Portugal. A Índia, que estava na oitava posição do ranking acumulado da Lusofonia, deu um pulo para o terceiro posto, com 102 medalhas, das quais 38 de ouro (37 delas conquistadas em Goa).

Destaque para o domínio absoluto de Portugal no Judo, com treze medalhas, das quais oito de ouro, no Voleibol de Praia, com dois ouros nas duas únicas provas existentes, e no Taekwondo, com oito medalhas, quatro de ouro.

Artur Lopes, Chefe da Missão Portuguesa, fez um balanço positivo da participação nacional. "Estamos satisfeitos com os resultados. A nossa representação foi bastante limitada pelos motivos já conhecidos, o Brasil não participou, mas perante uma Índia que apresentou uma delegação fortíssima, e mesmo com as ausências nas modalidades coletivas, mantivemos o segundo lugar no ranking das medalhas"

O dirigente destacou ainda a forte emoção que marcou estes



Jogos da Lusofonia. "Foi emocionante ver goeses abraçarem portugueses e outros cidadãos lusófonos de lágrimas nos olhos. É visível a ligação desta terra a Portugal. As mensagens que todas as delegações trouxeram à Índia serviram para unir ainda mais e realçar a língua portuguesa. Há anos seria impensável ouvir-se em Goa o hino nacional ou ver hastear a bandeira de Portugal. Tudo o que se passou foi importante para o futuro. A língua portuguesa saiu fortalecida e os laços de união entre os países lusófonos solidificados. O esforço da ACOLOP saiu recompensado e reconhecido, assim como a realização em Goa permitiu mostrar a todas as delegações a passagem dos portugueses por estas paragens". ◯

Os DESAFIOS do OLIMPISMO em Portugal

A cada edição dos Jogos Olímpicos que termina junta-se a frustração e o lamento pelo número de medalhas que Portugal conquista. E debate-se, questiona-se a falta de resultados, o desempenho dos atletas. Mas se dececionamos na meta é só naqueles minutos de alta competição que vamos tentar encontrar as falhas? A dois anos do Rio 2016, a conferência “Pensar o Olimpismo - Um testemunho para o futuro” olhou para o que falta antes de faltarem as medalhas.



“O mais rápido, o mais alto, o mais forte”. Ao longo da história de participação nos Jogos Olímpicos já por algumas vezes fizemos jus ao lema olímpico, proposto por Pierre de Coubertin. Mas poucas, quando olhamos para o medalheiro e nos comparamos com tantos outros países. Num momento em que está em curso o programa para as próximas três missões, o Comité Olímpico de Portugal (COP) desafiou federações, treinadores, dirigentes, atletas, técnicos, académicos a falarem em conjunto dos problemas, exemplos

de sucesso, desafios e a pensarem o futuro. E entre opiniões convergentes e divergentes sobressaiu a necessidade de uma mudança de paradigma - num mundo que mudou muito nos últimos anos - que remete para as bases, para um trabalho estratégico em termos de estrutura e planeamento, para um pensamento focado na valorização do desporto em todas as suas vertentes. “Não temos cultura desportiva e este é o grande problema de Portugal”, afirmou Pedro Guedes de Carvalho, presidente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior.

Na Maia, Cidade Europeia do Desporto 2014, uma das questões mais debatidas foi a relação entre a academia e o alto rendimento desportivo e a importância da prática de educação física nas escolas. António José Silva, presidente da Federação Portuguesa de Natação, foi um dos oradores que sublinhou que “continua a faltar uma ligação forte entre o sistema desportivo e o sistema escolar, de forma integrada e programada”, destacando que se esta existisse contribuiria não só para uma melhor utilização de recursos como para combater a taxas de abandono escolar e desportivo. O problema

do ‘drop out’ foi mencionado por diversos intervenientes, assim como a necessidade de valorizar o desporto na escola e a educação física, com João Paulo Vilas Boas, professor catedrático da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, a salientar que esta “não deveria ser considerada o parente menor na preocupação da escola”. Até porque, como foi referido, as aulas de educação física poderiam funcionar como espaços de deteção de talentos, além da sua função de incentivo pelo gosto e pelos hábitos de prática desportiva e de uma vida mais saudável (com a consequente repercussão nos custos com saúde).

“Em Portugal não se sabe trabalhar em equipa”

Outro dos temas centrais nos dois dias de trabalho na Maia foi a sustentabilidade do modelo de financiamento ao desporto e as dificuldades de obtenção de receitas próprias, pelas federações, num quadro de redução dos apoios do Estado e das autarquias. Um contexto em que o desafio é encontrar alternativas. Manuel Agrellos, presidente da Federação Portuguesa de Golf, considera que o financiamento estatal “é indispensável”, mas que não se pode querer “que o Estado seja o único financiador”. Além do caminho da sponsorização foi também mencionada a possibilidade de se criarem marcas, por exemplo, numa lógica de alteração de paradigma, e a necessidade de a lei do mecenato ser mais atrativa para potenciar investimentos no desporto. Os custos associados às transmissões televisivas estiveram também em cima da mesa, com uma das conclusões do evento feitas pelo COP a referir que “o serviço público de televisão não pode deixar de ter em conta a alavancagem da prática desportiva no exercício da sua missão de interesse público”.

Mas “também há soluções que passam por uma melhor rentabilização dos meios disponíveis”, disse Carlos

Amado da Silva, presidente da Federação Portuguesa de Rugby. "Muitas vezes não é falta de dinheiro, é falta de capacidade para o gerir bem", acrescentou.

Numa conferência onde se discutiram ainda o modelo organizativo das federações e diversificação de outras formas orgânicas de desporto, a necessidade de repensar os modelos de organização dos Jogos da CPLP e dos Jogos da Lusofonia, as instalações existentes e a sua adequação, ficaram algumas questões que, de certa forma, foram deixadas logo no primeiro dia por Luís Ahrens Teixeira, presidente da Federação Portuguesa de Remo: "Porque é que não somos melhores? É só falta de financiamento, de dinheiro? Ou será que ele está é mal gerido? Será que nos sabemos organizar? Não, não sabemos. Será que sabemos trabalhar em equipa? Não, não sabemos. Em Portugal não se sabe trabalhar em equipa".

O Congresso Nacional Olímpico visou dar um passo no sentido contrário, juntando num mesmo espaço diversos tipos de intervenientes, incentivando a partilha e a aproximação entre federações e outros agentes desportivos. Para 2015 está agendada a realização de um congresso científico, um espaço onde investigadores nacionais e internacionais possam apresentar aquilo que são os resultados de investigações associadas ao alto rendimento.

JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

Ouviu as federações e demais agentes no congresso. Do que escutou, o que ficou mais lhe captou a atenção?

JMC: Em primeiro lugar, o facto de a generalidade das federações desportivas sentir que este correspondeu a um momento importante de reflexão conjunta. Estou convencido que para alguns terá sido a primeira vez que tiveram de falar das suas modalidades para tão elevado número de colegas e outros participantes que acompanham o desporto. Isto tem uma importância muito significativa, porque não conseguimos melhorar a situação desportiva do país senão mobilizarmos todos, tem que ser um esforço conjunto na procura de melhores soluções para problemas que, em alguns casos, são comuns.

Questões como financiamento, desporto escolar, foram centrais em vários debates...

JMC: São problemas recorrentes, mas que foram colocados com alguma elegância, sem agressividade, sem à partida afastar parceiros que são absolutamente indispensáveis para que sejam encontradas soluções melhores; no caso do desporto escolar o sistema educativo e no outro caso o governo, porque as questões de financiamento dizem respeito essencialmente governo.

Como pode o COP ajudar a avançar neste caminho?

JMC: Este é um percurso que já foi iniciado noutros momentos e

circunstâncias. Por exemplo, toda a preparação olímpica foi um programa que tivemos de negociar com o governo, mas que foi construído com as federações, com a Comissão de Atletas, com a Comissão de Treinadores, ouvimos especialistas externos... ou seja, estamos a dar o exemplo de que a construção da decisão política do Comité é uma construção participada. Aquilo que nos deve ser pedido, porque é a nossa obrigação, é que façamos tudo o que está ao nosso alcance para que aqueles que vão competir o possam fazer ao mais elevado nível, na certeza que vivemos no país que vivemos, com as dificuldades que temos, com a cultura desportiva que temos.

Foi defendido que os programas de financiamento estivessem centrados numa única entidade e sugerido o COP. Como recebeu esta sugestão?

JMC: Se se entende que o Comité Olímpico é a entidade adequada à gestão do programa de alto de rendimento e do de preparação olímpica, então entenda-se também que a gestão do recurso financeiro que está disponível para a sustentabilidade destes programas é também feita pelo COP. Isto quer dizer que estamos disponíveis para assumir essa responsabilidade se nos forem dadas as garantias que a dotação financeira que se destina a este setor é gerida por nós, dando nós conta da forma como a aplicamos e utilizamos. O que não podemos é assumir uma responsabilidade sendo depois espartilhada na forma como o recurso que a sustenta é gerido por outros, que não nós. Portanto, se a dotação dos jogos da Santa Casa passar, como acontece na generalidade dos países europeus, para a gestão direta do Comité Olímpico de Portugal, o Comité não terá qualquer problema em assumir essa responsabilidade, diria até mais, tem a obrigação de assumir essa responsabilidade. Agora, se essa é uma dotação que passa pela administração pública desportiva, por lá fica alguma coisa para sustentar a máquina e o que sobra passa para a entidade que tem de gerir o alto rendimento e as seleções olímpicas, nessa circunstância não. A condição é apenas essa. ○



JOAN CAMUÑAS

No cenário atual, em que faltam recursos, quais as prioridades para mudar de paradigma no olimpismo?

JC: É fundamental que haja uma população desportista, que crianças e adultos respirem desporto, que este seja importante nas suas vidas, na sua educação, formação, saúde. Se há muitos desportistas é muito mais fácil fazer uma boa deteção de talentos e esta é a base para ter desportistas de elite e de alto rendimento depois. É um esforço conjunto de entre as administrações nos seus diversos níveis e os atores do desporto. Há que procurar o modelo mais adequado para cada país.

Nesse sentido, o desporto escolar é um ponto de partida...

JC: O desporto escolar é base, assim como o desporto na família; uma família em que todos praticam e se ajudam no desporto tem parte do caminho feito.

Como vê a questão do financiamento, difícil de ultrapassar atualmente?

JC: O financiamento, não só do desporto como da educação, da saúde, da promoção económica, decresceu nas administrações. E os agentes privados têm de ter imaginação e tentar fazer mais e melhor com muito menos dinheiro; no entanto, as administrações também têm de ser sensíveis à situação, porque não investirmos em desporto agora é algo que vamos pagar em muitos anos. Os efeitos do desporto são cumulativos e a longo prazo, se se investir bem a cinco, 10 anos, conseguir-se-ão bons resultados a nível internacional e além disso a população será mais saudável.

E a criação de uma marca, por exemplo?

JC: Há que tentar procurar essas outras coisas, potenciar valores mais intangíveis do desporto. É preciso pensar mais sobre como ter um desporto mais sustentável e ao mesmo tempo mais auto-financiado. ○

MÁRIO SANTOS

Ouviu as federações e demais agentes no congresso. Do que escutou, o que ficou mais lhe captou a atenção? Como podem as federações e clubes diversificar as suas fontes de financiamento? Ser criativas neste aspeto?

MS: O aumento de praticantes, a obtenção de crescentes resultados de referência, a organização de eventos nacionais/internacionais e a prestação de serviços são os instrumentos mais eficazes para procurar a auto sustentação. A integração nos quadros de pessoas qualificadas é um investimento fundamental para se conseguir, a médio prazo, um equilíbrio sustentado. Tendo sempre presente que quando estas prestam um serviço público com poderes públicos delegados essa atividade terá de ser alavancada em financiamento público.

O caminho pode passar por uma maior e inovadora aposta na sponsorização?

MS: A sponsorização é um recurso apetecível, contudo, sendo esta cada vez mais numa vertente de retorno financeiro do investimento e não de responsabilidade social, a visibilidade, o sucesso, a mensagem de superação e de vida saudável são mais valias a potenciar para atrair esse recurso.

Que focos deve ter um programa de financiamento para alto rendimento e preparação olímpica para potenciar uma melhoria de resultados?

MS: Ter uma estratégia para objetivos concretos de resultado desportivo, de rendimento; definir funções e responsabilidades; facilitar as decisões em tempo útil; promover um percurso, liderança e exercícios de controlo. Em suma, uma gestão estratégica que permita que as decisões certas sejam tomadas pelas pessoas qualificadas assegurando que estamos no caminho de atingir os objetivos definidos e mecanismos de controlo que permitam confirmar se a gestão está a ser eficiente, podendo proceder-se aos ajustes necessários. ○





GRESSO NACIONAL OLÍMPICO



PEDRO GUEDES CARVALHO

No congresso disse que se pensa mais a nível individual que no país e que o COP poderia ter aqui um papel importante. De que forma?

PGC: O COP já tem feito alguma coisa, mas não tem tido essa incumbência; está muito centrado, talvez por estipulação política, na preparação do ciclo olímpico, como se preparar não tivesse nada a haver com as federações, as câmaras, as instalações, as universidades... O COP tem neste momento uma comissão executiva com muitas competências instaladas comparativamente com o passado, é uma equipa muito mais interdisciplinar e madura, vai conseguir de certeza mudar este panorama.

As universidades não poderiam atuar visando melhorar a adaptação de horários, treinos, o estatuto do atleta-estudante?

PGC: Vou falar no caso da minha, onde fiz um apelo há sete anos; demorou, mas a Reitoria percebeu a importância que o desporto escolar universitário tem em estar ligado ao departamento de ciências do desporto. Há neste momento um protocolo de trabalho em que, o que vai ser feito no desporto universitário, terá superintendência e monitorização científica do departamento. Isto na UBI. Imagine o que se pode fazer nas outras. O Henrique Neiva, nadador, está a tirar lá um doutoramento, e temos essa aplicação e esse exemplo, ou seja, tem todas as condições para treinar que outros não terão. Daí criaram-se condições para que uma das nossas valências possa vir a ser atrair atletas; criar um centro de estágio a média altitude naquela zona, com uma universidade perto, que consiga fazer esta circulação entre o que é conhecimento científico, o treinador e o treino, e o estudo do estudante universitário. Estes fatores estão ligados. o



WORKING WITH YOU

Os nossos serviços

Assurance Sevices

Tax Services

Advisory Services

Business Outsourcing & Services

www.bdo.pt

É PRECISO INCENTIVAR AS EMPRESAS A INVESTIR NO DESPORTO



Alejandro Blanco, Presidente do Comité Olímpico Espanhol (COE), deu a conhecer aos Presidentes e dirigentes de várias federações e associações desportivas nacionais, em janeiro, o modelo de financiamento do projeto olímpico espanhol, numa conferência organizada pelo Comité Olímpico de Portugal.

A propósito da sua presença no nosso país, a Olimpo entrevistou o líder do COE que revelou algumas das estratégias de sucesso que fazem de Espanha, uma das maiores potências do desporto mundial, e onde abordou também as relações entre os dois países vizinhos.

Olimpo – O que mudou em Espanha com a criação do programa ADO (programa de apoio ao desenvolvimento desportivo) por ocasião dos Jogos de Barcelona 92’?

Alejandro Blanco – Passamos de ganhar duas ou três medalhas em Jogos Olímpicos de verão, para um total de 22 medalhas conquistadas em Barcelona, treze delas de ouro. O Programa ADO permitiu assim uma melhoria até então impensável para a equipa olímpica espanhola.

Que papel têm os atletas no programa ADO?

A principal obrigação dos atletas para receberem as suas bolsas, com fundos provenientes quase maioritariamente deste programa, é cumprirem a preparação que é planificada, onde são determinadas as provas em que devem competir em representação da equipa nacional.

Adicionalmente, para renovarem as suas bolsas de apoio, devem confirmar os resultados nas competições mais importantes da temporada. Caso haja casos positivos de doping, perdem automaticamente os seus apoios.

Em contrapartida para este apoio, estão obrigados a realizar atividades de caráter publicitário ou promocional com os patrocinadores do programa, sempre que estas ações, naturalmente, não afetem a sua preparação. Estas obrigações não são de caráter exclusivo.

A crise económica na Europa e em Espanha é uma ameaça para o sucesso do desporto espanhol e para os apoios privados que financiam o modelo espanhol?

Sem dúvida. Acima de tudo fez-se sentir nos apoios públicos que as federações nacionais recebem. Também provocou um decréscimo nos apoios privados, é certo. A conjugação dos dois fatores é uma enorme machadada nas nossas receitas e poderá afetar o desporto de alto rendimento.

É possível Portugal criar um programa similar ao ADO?

É perfeitamente possível, se houver vontade política e trabalho. Até porque se bem implementado, um programa desta natureza contribui sobremaneira para o aumento da autoestima e otimismo da sociedade em face de resultados desportivos positivos.

O que é preciso fazer para se lançar um programa semelhante?

Dar benefícios aos patrocínios de empresas privadas, mediante ações que tornem mais atrativos estes investimentos no desporto, e relacionar as melhores empresas e atletas, numa parceria de êxito para todas as partes.

**“PARA O RIO 2016
QUEREMOS MANTER ESTE
NÍVEL DE 15 A 20 MEDALHAS
QUE TEMOS CONSEGUIDO
EM CADA CICLO OLÍMPICO.”**

**O fracasso da candidatura Madrid 2020 pode ser prejudicial para o desporto espanhol? Voltarão a tentar em 2024?**

Não termos vencido não é sinónimo de fracasso. A situação económica espanhola e da Europa não favoreceram as expectativas de um projeto de grande nível no plano técnico. A escolha de Madrid significaria mais uma revolução no desporto espanhol, como se verificou em Barcelona 1992. Ao não ter sido a candidatura vencedora, nova revolução no desporto espanhol ficou comprometida no curto prazo. Não contamos voltar a apresentar candidatura para os Jogos de 2024, mas este é um sonho que não queremos deixar morrer.

Como caracteriza o desporto espanhol atualmente? Quais são as metas para 2016?

Estamos a viver um período de maturidade, como o demonstra o número constante de medalhas conquistadas nas últimas edições dos Jogos Olímpicos de verão. Para o Rio 2016 queremos manter este nível de 15 a 20 medalhas que temos conseguido em cada ciclo olímpico.

**Como se explica o sucesso do desporto espanhol a nível internacional?**

Este êxito baseia-se numa geração de desportistas sem igual, equipas técnicas altamente profissionalizadas e de nível mundial e um grande investimento em infraestruturas desportivas.

Qual a imagem do desporto português em Espanha?

Infelizmente, Portugal é um país pouco reconhecido em Espanha a esse nível, apesar das suas relações históricas e proximidade geográfica. Acima de tudo, são conhecidos os clubes e futebolistas de grande nível que possui, assim como uma ou outra figura de outra modalidade, contudo, é importante mantermos relações próximas, mais fluídas, de total cooperação, que poderão beneficiar o desenvolvimento do desporto de ambos os países. ○



Portugal e os JOGOS OLÍMPICOS

Por: *João Querido Manha, Diretor do Record*

enormes desilusões por defraudarem as expectativas que os portugueses em geral, analfabetos desportivos, colocam sobre todos eles naquele pequeno período específico, de quatro em quatro anos. O Estado tem direito a exigir mais dos atletas que subvenciona.

Este convite a voltar a escrever na revista que dirigi durante cinco anos despertou-me a vontade de revelar as linhas mestras do que considero a revolução necessária para o desenvolvimento, ainda possível, do desporto de alta competição de Portugal, no enquadramento olímpico. Eventualmente uma utopia, mas sem dúvida um desafio, assumindo que a missão de um comité olímpico é preparar uma equipa para os Jogos Olímpicos e não assumir-se como estrutura central do desenvolvimento desportivo de um país.

Os resultados olímpicos iriam melhorar, forçosamente, se o plano seguinte pudesse ser aplicado com rigor, compromisso e transparência:

1 Seleção das modalidades prioritárias, aquelas que realmente nos podem render títulos e medalhas olímpicas.
Nível 1: Atletismo, Vela, Canoagem, Judo e Tiro.
Nível 2: Triatlo, Hipismo, Ténis de Mesa, Remo e Ciclismo.

2 Definição de um Estatuto de Atleta Olímpico que norteie o

percurso dos candidatos e permita eliminar uma das principais dificuldades nos percursos desta área específica da alta competição. As exigências da competição olímpica não são comparáveis com nenhuma outra e normalmente os atletas só dão por isso depois da primeira experiência em Jogos, sendo poucos os que lá conseguem regressar.

3 Gestão desportiva a cargo de um órgão central independente, no seio do COP, da atividade dos atletas com pretensões olímpicas e com contrato de preparação olímpica com o Estado (treino, competição, espírito de equipa, marketing e comunicação).

4 Definição de objetivos e prestação de contas no final de cada ciclo, premiando os resultados positivos e reclassificando os investimentos de retorno negativo.

5 Adequação das verbas de apoio à preparação olímpica às necessidades específicas e relativas de cada desporto, assumindo que os apoios não são rendas salariais, mas investimentos transformáveis em resultados desportivos.

6 Análise quotidiana aos resultados e à evolução de cada atleta, com ajustamento dos objetivos, porque a pressão deve ser permanente. ○

Há uma rutura para assumir no projeto olímpico nacional, mais de vinte anos depois de Barcelona e do reconhecimento do COI ao verdadeiro espírito dos Jogos: a glória dos campeões, respeitando os vencidos, é mais genuinamente olímpica do que a recriação elitista de Coubertin. Um país como Portugal deve estruturar-se para aparecer num nível o mais elevado possível, destacado e respeitado, e não na longa cauda dos que se limitam a participar sem querer mais nada em troca. Acredito que nos poderíamos situar, a médio prazo, no grupo dos países que conquistam entre quatro e sete medalhas – de que estivemos muito perto na Olimpíada de 2008.

Obviamente, nada me move contra o Andebol, o Basquetebol ou o Hóquei, mas conheço o suficiente de desporto de alta competição para saber que nunca Portugal conseguiria chegar a um torneio olímpico destas modalidades coletivas. E, em acréscimo, mais de metade dos atletas que tem levado aos Jogos conseguem o apuramento in-extremis, esgotam-se na obtenção dos mínimos e acabam por sofrer

Rugby

uma modalidade singular!

O Rugby, na variante de sevens, estreia-se como modalidade olímpica em 2016, no Rio de Janeiro. Portugal apresentou candidaturas para a equipa masculina, oito vezes campeã europeia e presença no circuito mundial IRB Sevens Series, sendo core-team (equipa residente) pelo segundo ano consecutiva, e feminina, 8º lugar no Campeonato da Europa 2013.

Após a primeira participação da seleção de XV no Mundial de 2007, disputado em França, a modalidade ganhou contornos de desporto nacional. Graças ao mediatismo conquistado pelos “Lobos” multiplicaram-se os números de praticantes, surgiram novos clubes e os patrocinadores começaram a olhar a modalidade de outra forma acompanhando a crescente popularidade do jogo.

Hoje existem 65 clubes, 6300 atletas inscritos na Federação Portuguesa de Rugby e 40 mil praticantes no desporto escolar. A nível de infraestruturas, a FPR está a desenvolver um Centro de Alto Rendimento no Jamor, respondendo a uma necessidade premente para o salto qualitativo que a modalidade tem de dar. Na época em curso 2013-2014, a nível competitivo destacamos a participação Taça Europeia das Nações (prova de apuramento para o Mundial 2015 de XV), o Circuito Mundial de sevens, o primeiro jogo com a seleção do Brasil e o regresso de uma equipa portuguesa à segunda competição europeia mais importante a nível de clubes, a Amlin Cup, os “Lusitanos XV”, uma equipa formada por jogadores portugueses que disputam os campeonatos nacionais. A nível jovem destaque para a presença dos sub-18 no europeu, na Polónia, em Abril.

A nível organizativo, em 2013, a FPR organizou o Campeonato Europeu de Sub-19 e o Torneio de Qualificação para o Campeonato da Europa de Elite Sub-18. No corrente ano, Portugal acolhe o Europeu de Sevens Sub-19, em maio e o Europeu de sub-18 e sub-19, variante de XV, em outubro.

A nível de jogadores, Vasco Uva tornou-se no passado mês de novembro o atleta de rãguebi português com mais jogos pela seleção nacional.

A seleção portuguesa de XV ocupa o 22.º lugar do ranking, fazendo parte do grupo de países incluídos na segunda divisão do rugby a nível mundial. A nível feminino, uma das apostas da FPR, a seleção de sevens ocupa o top 10 europeu.

Se a conquista pelos resultados é algo que é inerente a qualquer competição, há, no entanto, algo que distingue o rugby de outros desportos: os valores transmitidos por todos os envolvidos na organização e desenvolvimento da modalidade. A título de exemplo é o único desporto em Portugal que permite a entrada, autorizada e em segurança, no campo, ao intervalo e no final, de jovens com o intuito de conviverem com os seus “heróis”.

A camaradagem e o respeito pelo adversário que caracteriza o jogo em si não terminam, no entanto, com o apito final do árbitro. Findo a partida, jogadores, treinadores, equipa de arbitragem e todos os outros intervenientes, confraternizam na conhecida 3.ª parte. E é esta a grande singularidade do rugby.

Finalmente, o sucesso de uma política de implantação do Rugby nos bairros sociais problemáticos e a integração de jogadores de diferentes origens sociais constitui o reflexo da política social aplicada pela Federação Portuguesa de Rugby nos últimos 15 anos, com a criação do lema: Rugby, um desporto para todos. ○



Federação Portuguesa
de Rugby

1927
ANO DE FUNDAÇÃO
DA FPR

6300
JOGADORES

65
CLUBES

40 mil inscritos
RUGBY ESCOLAR



QUEREMOS SEMPRE FAZER MELHOR

Nomeado Chefe de Missão das próximas representações olímpicas, José Garcia revela à Olimpo a ambição que o move e as metas que gostaria de ver atingidas no Rio. O seu passado olímpico será um excelente aliado nesta tarefa que enche o ex-canoísta de orgulho.

José Garcia
Chefe de Missão Olímpica



OLIMPO - O que representa para si ser nomeado Chefe de Missão?

José Garcia - Sinto uma enorme honra por o Presidente do COP, José Manuel Constantino e os seus colegas da Comissão Executiva reconhecerem em mim a capacidade de trabalho para o desempenho de um cargo de tão grande responsabilidade e prestígio. Sinto-me feliz por desta forma, continuar a minha relação de longa data com o desporto e o olimpismo.

Em Londres, Portugal ganhou uma medalha de prata. O que considera um bom resultado no Rio?

O objetivo é sempre tentar fazer melhor pois essa é a forma de estar dos atletas nacionais. Se os resultados alcançados nos JO de Londres 2012 forem superados e se estes se aproximarem dos valores referência definidos pelo Programa de Preparação Olímpica Rio 2016, considero um bom resultado.

O facto de os Jogos serem num país de língua portuguesa, aumenta a responsabilidade de conseguirmos um bom resultado?

Entendo que esse facto nada acrescenta à responsabilidade de serem alcançados bons resultados. Acredito sim, que face aos muitos laços que unem ambos os países, muitos serão os apoiantes e que esse será certamente um fator mais para que os nossos atletas se superem.

É mais importante termos uma representação vasta, com presença no maior número de modalidades, ou ter um número restrito de atletas que tem objetivos concretos de atingir lugares de pódio ou de finalista?

O programa de preparação olímpica em vigor define os objetivos para os atletas integrados que consigam o apuramento para o Rio 2016. O Alto rendimento pressupõe qualidade e é esse o critério que deverá prevalecer. Face aos valores referência, fica desde já o forte desejo de que todos os atletas consigam superar os resultados alcançados no "caminho para o Rio".

A sua experiência como atleta poderá ser importante nestas novas funções?

É sem dúvida mais uma ferramenta que possuo e que ajudará a entender e atender as necessidades dos atletas tornando-se um contributo para que atinjam os resultados desejados. Tenho um gosto especial em ajudar a potenciar as capacidades de quem me rodeia. Estou certo que o sucesso da participação depende da paixão com que se enfrentam os desafios. Os Jogos Olímpicos são, se não o maior, um dos maiores desafios que um atleta enfrenta razão pela qual, entendo que o acreditar, o querer e a concentração, indissociáveis de uma forte disciplina, serão fatores determinantes para o sucesso.

Ao longo destes dois anos até ao Rio 2016, onde vai concentrar a sua ação?

Procurarei estar próximo das modalidades acompanhando o trabalho das federações numa relação de proximidade com o sistema de preparação olímpica e contribuir em equipa, para reunir as melhores condições de preparação e de participação que o país possa oferecer a todos aqueles que reúnam condições para atingirem resultados de excelência nos Jogos Olímpicos. ◊

COM O OLIMPISMO NAS VEIAS

Aos 49 anos, José Garcia assume o seu mais importante cargo enquanto dirigente, depois de já ter sido um dos adjuntos do Chefe de Missão aos Jogos Olímpicos Londres 2012, Mário Santos.

José Garcia nasceu em Vila do Conde e é licenciado em Educação Física pelo ISMAI e Mestre em Estudos da Criança pela Universidade do Minho. Atualmente, é docente de Educação Física na EB 2,3 Dr. Carlos Pinto Ferreira em Vila do Conde.

Como atleta, praticou atletismo, canoagem e remo, tendo sido na canoagem onde mais se destacou. Começou a praticar a modalidade em 1977, ainda antes da fundação da Federação, que teria lugar dois anos depois. Esteve em três Jogos Olímpicos, em Seul 1988, Barcelona 1992 e Atlanta 1996. Tendo em 1992, na Cidade Condal, alcançado o seu melhor resultado, ao conseguir um 6º lugar na final de K1 1000m, naquele que foi o melhor resultado nacional de sempre da modalidade em Jogos Olímpicos, até à medalha de prata conquistada pela dupla Fernando Pimenta/Emanuel Silva em Londres, em 2012. Também em 1992, foi Porta-Estandarte da Missão Portuguesa.

Conta ainda no currículo com algumas dezenas de títulos de campeão nacional, várias finais em Campeonatos do Mundo e a primeira medalha de sempre num Campeonato do Mundo para Portugal, em Ploudiv, na Bulgária, em 1989, onde venceu o bronze. Foi ainda distinguido com medalhas de mérito desportivo, pelo Estado português e pelo município vila-condense, e de mérito "Nobre Guedes", pelo COP.

Como técnico, foi treinador de canoagem do Clube Fluvial Vilacondense, responsável técnico de atletas das seleções nacionais da modalidade, entre os quais José Ramalho, vice-campeão europeu e mundial de maratona. Enquanto dirigente, foi vice-presidente da Federação Portuguesa de Canoagem, durante os mandatos de Mário Santos, tendo cessado a sua atividade na Federação após a demissão de Mário Santos no final de 2013. No seu currículo conta com experiência em Jogos Olímpicos em funções diretivas, tendo em Londres 2012, sido adjunto de Mário Santos, ficando sob a sua alçada a coordenação da aldeia que juntava os atletas de remo e canoagem, para além do cargo de chefe de equipa da Canoagem. Foi também Chefe de Equipa em várias competições internacionais, como Taças do Mundo, Campeonatos da Europa e do Mundo. Teve ainda a seu cargo a responsabilidade da organização de competições, como os Europeus de canoagem de velocidade, em 2012 e 2013, em Montemor-o-Velho, e do Mundial de canoagem de surfski, em Esposende.



ASOCIACIÓN PANIBÉRICA DE ACADEMIAS OLÍMPICAS

PORTUGAL ACOLHE O XV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PAN-IBÉRICA DE ACADEMIAS OLÍMPICAS

A Os primeiros passos com vista à criação da Associação Pan-ibérica de Academias Olímpicas (APAIO) surgiram em 1988, aquando de uma reunião, em Madrid, entre as Academias Olímpicas do Perú, da Argentina, do Equador, de Espanha e de Portugal. Dois anos mais tarde, a 14 de junho de 1990, era oficialmente constituída a associação com o intuito de dar apoio às academias nacionais já existentes nos países da América Latina e da Península Ibérica, assim como ajudar no processo de criação de academias olímpicas nos países onde estas ainda não tinham sido constituídas. Inicialmente, a associação adotou a designação de Associação Ibero-americana de Academias Olímpicas, mas, dada a intenção de estender a ação aos novos países de língua portuguesa e espanhola, em 2002 passou a designar-se Associação Pan-ibérica de Academias Olímpicas.

O número de academias integrantes da APAIO atingiu em 2006 o seu número máximo, mantendo-se até agora

em 27 academias, nomeadamente: Andorra, Angola, Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, México, Moçambique, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Portugal, Perú, Porto Rico, S. Tomé e Príncipe, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

Uma das principais atividades da APAIO é a realização de um Congresso, com periodicidade bienal, através do qual as academias participantes apresentam as suas iniciativas em matéria de educação olímpica e discutem importantes temáticas na área do Olimpismo.

O primeiro congresso foi organizado em 1988, aquando da assinatura de um acordo inicial para a constituição da associação, entre os países fundadores. Em 1990, no decorrer do segundo congresso, as 17 academias participantes assinaram a Ata da Constituição da Associação Ibero-americana de Academias Olímpicas, assim como a redação dos seus estatutos. Desde então, a regularidade de realização do Congresso de dois em dois anos, tem percorrido diversos locais em Espanha, tendo já sido igualmente realizado na Guatemala, em Porto Rico e no Perú.

Sendo a Academia Olímpica de Portugal (AOP) um dos membros fundadores da APAIO, o Conselho Diretivo da AOP, em exercício em 2012, apresentou a sua candidatura para organização do Congresso em Portugal para 2014. Esta candidatura, previamente apresentada e aprovada por unanimidade em reunião da Comissão Executiva do Comité Olímpico de Portugal, teve como forte concorrente a candidatura da Colômbia. Após um renhido ato eleitoral no seio da APAIO, foi então entregue a Portugal a organização do XV Congresso da APAIO, a realizar em 2014, sendo também entregue à Colômbia a organização da 16.ª edição a realizar no decorrer do ano de 2016.

Assim em 2014, Portugal receberá pela primeira vez na história desta Associação a organização deste Congresso que reunirá as 27 Academias Olímpicas onde os idiomas de português e espanhol são as línguas oficiais. O Congresso terá lugar entre 19 e 23 de maio, no Concelho de Cascais, e contará com o apoio de diversas entidades, entre as quais o Município de Cascais e o Clube Naval de Cascais.

Com vista à preparação do Congresso, o Conselho Diretivo da AOP recebeu em Lisboa nos passados dias 4 e 5 de fevereiro o Presidente e Secretário-Geral da APAIO, respetivamente Don Conrado Durántez e Pablo Galán, em que da ordem de trabalhos fizeram parte não só as devidas visitas oficiais, como uma reunião de trabalho na qual foram analisados ao pormenor todos os aspetos relativos à organização do Congresso. ◊

Nuno Delgado

ATENAS 2004

Por: Nuno Delgado

Caro leitor, seria óbvio falar da minha experiência em Sydney, um sonho de criança realizado, a primeira participação Olímpica, o pódio e a oportunidade conhecer o meu ídolo Muhammad Ali. Contudo, prefiro contar uma história menos conhecida, mas que foi, talvez, tão importante para meu percurso pessoal e que é apenas uma de muitas nas participações portuguesas nas Olimpíadas.

Atenas 2004 foram os meus segundos Jogos, fui nomeado porta-estandarte da Missão Portuguesa e, pelo meu percurso, era um dos grandes favoritos a medalha de Ouro na categoria de -81kg. Contudo, 2004 não foi um bom ano, com várias lesões, falta de competição e uma operação muito grave apenas dois meses e meio antes dos Jogos. Com muito treino, dentro do que me foi permitido, chegamos a Atenas.

Condicionado, mas confiante e orgulhoso do esforço enorme que todos na equipa fizeram para me ajudar a suportar as dores horríveis e diárias que contrai na coluna, fruto de tentativa de recuperar a preparação atrasada.

No último treino, último exercício e último movimento, o acidente aconteceu. O João Neto executou uma técnica chamada sumi-gaeshi, coloquei mal a mão e o impensável aconteceu: uma gravíssima luxação dos dedos da mão direita. Essa mão, chamada Tsurite (mão hábil que permite executar todas as técnicas) é determinante para a performance no judo. Depois de devidamente avaliado, e após todos os testes, o departamento médico deu o veredicto: não devia participar nos Jogos Olímpicos de Atenas, não estavam reunidas condições possíveis para poder ter performance e existia o risco de agravar a lesão grave e muito específica.

O Dr. Pereira de Castro e o meu treinador deram-me o poder da decisão final.

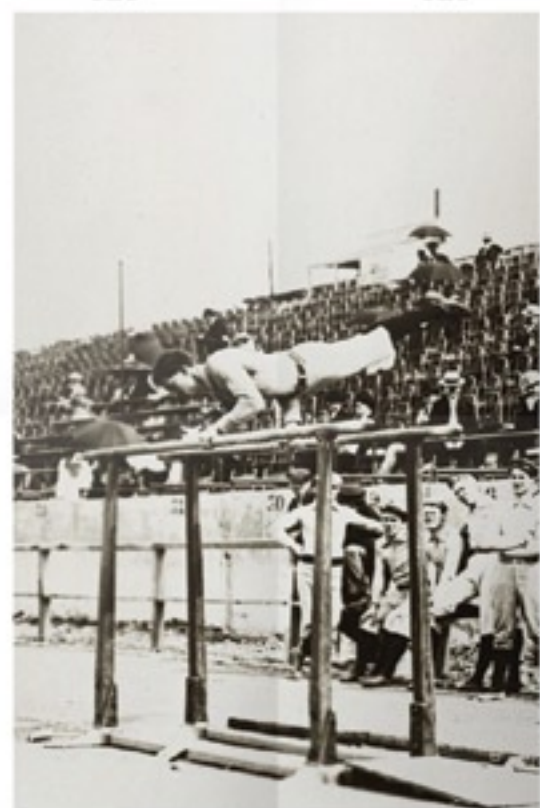
Confesso que não sei explicar o porquê da minha opção no momento, mas senti uma força interior que me dizia "tens de lutar, não podes desistir". Não queria sair de Atenas sem subir ao tatami e dar o máximo, provavelmente não conseguiria viver com essa frustração. Foram quatro anos em busca de um sonho: ser campeão olímpico.

Ficou decidido, todos me apoiaram e, por razões de estratégia, ninguém soube desta versão para não perder vantagem e escondermos o meu estado real. Chegou o grande momento, à entrada do tatami olímpico ouço a voz sempre presente da Rosa Mota a dar o apoio final, e lá vou eu para o desconhecido.

Começa o combate e, surpreendentemente, resisto aos primeiros ataques, o combate vai-se desenrolando e consigo mesmo estar a ganhar até 6 segundos do final, caindo praticamente sobre o relógio, lutando contra o inevitável. Foi difícil, confesso, foi a minha maior derrota. Mas no regresso a Portugal, sozinho e cheio de dores, aconteceu aquilo que não poderia antever: no hall do aeroporto tinha mais pessoas à espera do que na vitória de Sydney, pessoas essas que sentiram necessidade de me apoiar e dar força nesse momento difícil. E nessa altura percebi tudo, uma grande lição de vida que partilho hoje com os meus alunos todos os dias:

Na vida só se perde verdadeiramente quando se desiste de lutar... o





ST. LOUIS 1904

Nem sempre se aprende com os erros. Depois do descalabro que foi a edição de Paris, quatro anos antes, a edição seguinte, em St. Louis, nos E.U.A., conseguiu ser tão má ou pior. Foram quatro meses e meio de Jogos!! E novamente a sombra da Feira Mundial fez com que os Jogos Olímpicos parecessem um evento menor. A somar a isso, o facto de ser disputado no continente americano, numa altura onde viajar era uma verdadeira odisséia, levou a que apenas doze países marcassem presença na cidade do estado do Missouri. A mais reduzida participação de sempre! Os momentos insólitos sucederam-se. E de um proclamado vencedor da Maratona que fez o percurso de automóvel a um medalhado por seis vezes que tinha uma perna de pau, são muitas as “estórias” que vale a pena ler.

Quatro anos depois... os mesmos erros. Uma edição que não foi mais do que uma sombra da Feira Mundial, que tal como os Jogos, se realizou em St. Louis, no estado norte-americano do Missouri. Inicialmente previstos para Chicago, o presidente dos E.U.A., Theodore Roosevelt, decidiu desviá-los para St. Louis, cerca de 500km mais a Sul. A indignação foi tal que Pierre de Coubertin nem marcou presença na cerimónia de abertura. A cerimónia foi dirigida pelo Presidente da Louisiana Purchase Exposition, responsável pela Feira Mundial. Os Jogos decorreram de 1 de julho a 23 de novembro, mas as competições não foram mais do que um evento paralelo à Feira Mundial. Foi realizado um evento desportivo por dia, durante o período da exposição mundial, o que levou a que desportos absurdos, como um concurso de cuspidelas para mascadores de tabaco, tenham dado direito a medalha. Alguns anos mais tarde, o Comité Olímpico Internacional apenas considerou 91 eventos realizados como olímpicos, anulando 80 medalhas que haviam sido atribuídas. No total participaram 651 atletas, de 12 Comitês Olímpicos, mas a maioria eram norte-americanos, que se fizeram representar com 526 atletas. Não é difícil adivinhar que o país organizador dominou de forma arrasadora o medalheiro, somando 239 medalhas (80 de ouro, 82 de prata e 79 de bronze) contra apenas 13 do segundo no ranking, a Alemanha. Cuba fechou o pódio do medalheiro com nove. O mais medalhado foi George Eyser, ginasta norte-americano, que venceu seis medalhas, apesar de ter uma perna de pau! Frank Kugler venceu quatro medalhas em três modalidades distintas (Luta Livre, Halterofilismo e Cabo de Guerra), tornando-se o único da história a consegui-lo. Outro dos factos insólitos dos Jogos foi a desqualificação do vencedor da maratona masculina, Fred Lorz, que se descobriu ter percorrido a maior parte dos mais de 40km do percurso... de carro!! Apenas saído próximo da meta! Thomas Hicks acabou por ser o vencedor de uma prova que foi disputada debaixo de um calor intenso, em estradas de terra, onde os carros e cavalos que abriam caminho aos corredores criavam uma névem de pó que tornava quase impossível respirar. Hicks cortou a meta apoiado nos seus treinadores, mas não foi desclassificado por isso, ganhando o ouro. Durante a prova, foi várias vezes reanimado para prosseguir, numa formula à base de ovos crus, conhaque e estriçnina. Hicks cruzou meta embriagado e com delírios...

nunca mais correu outra maratona.

Curiosa foi também a história do carteiro cubano Felix Carbajal, que se inscreveu à última hora na maratona, tendo de correr com a sua roupa à civil. Cortou as calças para parecerem calções e fez-se ao caminho, com umas sapatilhas emprestadas. Durante o percurso foi parando para conversar com os espectadores e até invadiu um pomar para comer maçãs, porém estavam podres o que o obrigou a parar a meio e a dormir uma sesta para recuperar. Mesmo assim terminou em 4º!!!

A prova contou ainda com os primeiros africanos a participarem nuns Jogos Olímpicos. Dois sul-africanos que estavam em St. Louis para serem exibidos na Feira Mundial e acabaram por ser inscritos nos Jogos.

Destaque ainda para Archie Hahn, conhecido como o Meteoro de Milwaukee, que venceu os 60m, 100m e 200m, tendo nesta última batido o recorde olímpico, marca que se manteve inalterada durante 28 anos.

Mas os episódios insólitos não terminaram por aqui.

Também a natação foi disputada em condições inóspitas.

Num enorme tanque de águas turvas, habitado por peixes e alguns batráquios.

Felizmente, nem tudo foi mau, os Jogos de St. Louis marcaram a estreia de duas modalidades, boxe e luta livre, e de duas provas, decatlo no atletismo e os dumbbells no halterofilismo. Foi também em St. Louis que pela primeira vez se deram medalhas de ouro, prata e bronze, aos três primeiros classificados de cada prova. ○

Modalidades em competição

Atletismo	Ginástica	Remo
Cabo de guerra	Golfe	Rugby
Ciclismo	Hípismo	Ténis
Críquete	Natação	Tiro
Croquet	Pelota Basca	Tiro com arco
Esgrima	Pólo	Vela
Futebol	Pólo Aquático	

Países Participantes

(12 países – 651 atletas, apenas 6 mulheres)

África do Sul	EUA
Alemanha	França
Austrália	Grã-Bretanha
Áustria	Grécia
Canadá	Hungria
Cuba	Suíça



Tribunal Arbitral do Desporto



A LUZ AO FUNDO DO TÚNEL

Por: **Luís Paulo Relógio**, Pres. da Comissão Jurídica do COP

A Justiça, para ser eficaz tem de ser atempada, surgindo a tempo de regular o litígio e não apenas os ecos das suas consequências, sob o risco de apenas servir para reacender feridas e negar-se a si própria. O caso Mateus, ocorrido em 2006, e o designado “Apito Dourado”, datado de 2008, que só durante o ano 2013 começaram a ter soluções, ainda que parciais e não em todos os processos, representam dois exemplos claros do mau serviço que a Justiça Portuguesa presta ao Desporto e à Sociedade. O uso dos mecanismos processuais tradicionais, o grosso avolumar de processos e as necessárias, ainda que por vezes excessivas, garantias de segurança jurídica que orientam os tribunais, afastam a possibilidade a proferirem decisões no tempo que, naturalmente, a ordem desportiva exige, dada a sua estruturação em épocas desportivas, que limitam os tempos de ação da disciplina e da jurisdição das competições. Esta realidade inspirou o desejo de criação de um Tribunal do Desporto, à imagem do Tribunal Arbitral du Sport, de Lausanne, criado em 1984 por iniciativa do COI (Comité Olímpico Internacional), que cedo se impôs pela qualidade da sua ação e pela tempestividade das suas decisões, consolidando o seu papel como o órgão jurisdicional máximo da estrutura organizativa do desporto mundial. Esta solução arbitral sempre se mostrou a mais adequada por garantir, para este projeto, a participação de juristas de relevante capacidade, experientes nas matérias de direito do desporto, que assegurem um nível de

qualidade correspondente às exigências de um tribunal do Estado. O primeiro passo foi dado em Dezembro de 2001, com a organização, pela APDD (Associação Portuguesa de Direito Desportivo), a Fundação do Desporto e o COP, de um seminário dedicado à arbitragem desportiva, no qual foram lançadas as bases de discussão desta solução jurisdicional, e culminou cerca de 12 depois, com a proposta de lei número 84/XII, apresentada pelo Governo à Assembleia da República, a que o grupo parlamentar do Partido Socialista decidiu responder com o projeto de lei nº236/XII, duas propostas de constituição de um Tribunal Arbitral do Desporto que apenas divergiam em detalhes que não nas soluções propostas. (A história destes dois projetos merece ser aqui relatada, noutro tempo e com mais espaço dedicado à sua descrição) A lei que cria o TAD (Tribunal Arbitral do Desporto) foi aprovada pela Assembleia da República em 8 de março de 2013, e foi alvo de um pedido de apreciação preventiva da constitucionalidade do art.8º n.1 do projeto, quando conjugado com os arts.4º e 5º do mesmo. O Tribunal Constitucional (TC), através do acórdão nº230/2013, pronunciou-se no sentido crítico da norma do projeto, obrigando à reformulação da redação do mesmo, na forma como foi, finalmente, aprovada pela Lei nº74/2013, de 6 de setembro. Novamente o Presidente da República pediu ao TC a declaração de inconstitucionalidade, com força obrigatória geral, das normas constantes do n.1 e do n.2 do artigo 8º, quando conjugadas com as normas dos artigos 4º e 5º da Lei do Tribunal Arbitral do Desporto, a que

correspondeu o acórdão nº781/2013, de 20 de novembro. Sobre este diploma e as questões que suscitou, que aqui se deixam apenas enunciadas, caberia tecer muitos mais comentários, que não cabem neste espaço. Contudo, importa destacar que nem o Governo nem as entidades responsáveis pela composição e gestão do TAD se conformaram com a visão redutora impressa pelo TC nos referidos acórdãos, estando pendente uma reformulação da lei de forma a que possa obter a aprovação quanto à sua constitucionalidade, mas salvaguardando aquilo que é verdadeiramente essencial no projeto do TAD: a especialidade das questões e a urgência das decisões. Esta lei tem, a seu favor, a virtude de resultar de dois projetos políticos muito próximos, tão convergentes que permitem que todos os seus autores e defensores nela se revejam, o que deverá ser fator de congregação de energias positivas e não de críticas desconstrutivas que em nada ajudarão a consolidar a implantação do TAD. A este tribunal estão reservados grandes cometimentos, o maior dos quais será o de trazer ao Desporto Português a segurança jurídica na regulação atempada dos conflitos jurisdicionais nele emergentes e, desta forma, o serenar das relações entre os diferentes agentes desportivos, que se poderão dedicar, com mais intensidade, às questões verdadeiramente desportivas, labutando pela conquista do sucesso no plano competitivo. O Desporto Português pode almejar, enfim, a ter uma Justiça Desportiva. ◻

FÁTIMA LOPES

“Gostava de entrevistar Carl Lewis”

Foi atleta de competição mas cedo percebeu que era difícil sonhar com uma carreira nesta área. Fátima Lopes tornou-se numa das mais conhecidas caras da televisão portuguesa, apresentando diversos talk-shows, por onde passaram muitos atletas olímpicos. Já teve a oportunidade de assistir a uma cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos, em Atenas 2004, mas ainda tem esperança de um dia poder assistir às provas... de preferência as de Atletismo.



OLIMPO - Qual a relação que tem com o desporto?

Fátima Lopes - A minha relação com o desporto é muito próxima. Toda a vida pratiquei desporto e isso é para mim o normal. Fiz atletismo de competição durante cinco anos, a seguir passei a fazer atletismo de manutenção durante dois anos. Cansada de correr sozinha e na estrada, entrei pela primeira vez num ginásio. Fiz aeróbica, cardiofitness e body pump. Depois de ter a minha filha, passei a fazer cardio e máquinas e assim fiquei uns bons anos até passar para o pilates. Nesta modalidade permaneci sete anos e agora estou há um ano e pouco a fazer ginásio, mas com um conceito muito virado para a saúde.

Qual a sua modalidade favorita?

A minha modalidade preferida continua a ser o atletismo.

Porque deixou o Atletismo? Teve o sonho de chegar aos Jogos?

Deixei de praticar atletismo porque se tornou impossível conciliar os treinos com a faculdade. Tinha consciência de que nunca seria uma grande atleta e por isso a escolha foi fácil. Nunca sonhei com os Jogos Olímpicos porque tinha consciência das minhas capacidades.

Alguma vez assistiu ao vivo a uns Jogos Olímpicos?

Assisti à cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas, mas depois não tive a felicidade de poder assistir às provas. Se pudesse, gostaria de ver as provas de atletismo.

Quando se fala em Jogos Olímpicos, vem-lhe à memória algum momento marcante da história dos Jogos?

Para mim os momentos marcantes dos Jogos Olímpicos foram as vitórias de Carlos Lopes e da Rosa Mota. Tenho-as bem presentes.

Já entrevistou alguns atletas olímpicos nacionais. Qual a impressão com que ficou deles?

Já entrevistei grande parte dos atletas olímpicos, mas acabei por criar uma relação de amizade com o Francis Obikwelu. Além de ter sido um atleta fantástico, é um ser humano muito especial.

Há algum outro que gostaria de entrevistar?

Gostava de entrevistar Carl Lewis pelos feitos em Jogos Olímpicos. Bater tantos recordes e colecionar tantas medalhas numa competição com a importância dos Jogos Olímpicos deve ter sido maravilhoso.

RO TEI RO

Fuzimiao

É um templo no sul da cidade, junto às margens do Rio Qinhuai. Foi construído no ano de 1034, durante a dinastia Song, uma das dez dinastias que fazem parte da história da cidade. Trata-se de um Templo de Confúcio, um sistema filosófico chinês criado por Kung-Fu-Tzu. Atualmente está rodeado por uma zona comercial, com inúmeras lojas, restaurantes e hotéis, sendo o centro da vida ativa e turística da cidade.



Mausoléu de Sun Yat-sen

O Mausoléu de Sun Yat-sen, famoso político chinês, situa-se no segundo pico do monte Zijin. A sua construção começou em janeiro de 1926 e foi terminado em 1929. O arquiteto era Lu Yanzhi, que morreu pouco tempo depois do mausoléu ter sido terminado. Destaca-se pela sua enorme escadaria, de quase 500 metros de comprimento, num total de 392 degraus.



NANJING

Rio Qinhuai

É o maior rio de Nanjing. Consegue evocar a animação dos tempos das dinastias Ming e Qing, mas com os bordéis de outrora transformados em casas de souvenirs. Ao longo das suas margens é possível ver várias mansões, a maioria reconstruída nos anos 80. Existem passeios turísticos organizados ao longo do Rio para poder ficar a conhecer a fundo a sua história e tradições.



Ponte Yangtze

Foi a primeira ponte a ser desenhada e construída totalmente por chineses, tendo sido aberta em 1968. Tem dois níveis, o de cima para tráfego automóvel e o de baixo para caminhos de ferro. Com um comprimento total de 1576 metros, e uma altura máxima de 85 metros, estima-se que ali passem cerca de 80 mil viaturas e 200 comboios diariamente. Tem como ponto negro ser a Ponte em todo o mundo onde até hoje se registaram mais suicídios, mais de dois mil.



Restaurante Yanyangtian

São várias as opções em Nanjing para experimentar a cozinha local. Acima de tudo, a comida típica de região é uma viagem à história de Nanjing e das suas dinastias. Destacamos o Yanyangtian que apresenta alguns dos pratos mais picantes, típicos da cozinha Sichuan. O restaurante é composto por dois espaços, um com salas pequenas e mais reservadas, e outro com uma sala ampla com mais de 20 mesas. Como pratos típicos, nota para a carne em óleo picante ou o frango em vapor com molho picante. Apresenta ainda alguns pratos de fusão, como os camarões salteados em kebab. De referir que os pratos são bastante generosos, servindo 3 a 4 pessoas. O consumo médio é de sete euros, um preço muito acessível para provar as iguarias locais.

ABRIL

- .1 a 6** - Lutas Amadoras - Campeonato da Europa, Vantaa (Finlândia)
- .2 a 5** - Pentatlo Moderno - Taça do Mundo, Cairo (Egito)
- .3 a 5** - Ginástica Rítmica - Taça do Mundo, Lisboa
- .4** - Andebol - Portugal x Holanda - EHF Cup Masculino - Qualificação, Macedónia
- .4 a 6** - Vela - Laser Europa Cup, Koper (Eslovénia)
- .5** - Atletismo - Grande Prémio Internacional de Rio Maior em Marcha Atlética, Rio Maior

- .5** - Andebol - Grã-Bretanha x Portugal - EHF Cup Masculino - Qualificação, Macedónia
- .5 e 6** - Ginástica Artística - Taça do Mundo, Tóquio (Japão)
- .5 e 6** - Triatlo - 2014 ITU World Triathlon Auckland (Nova Zelândia)
- .6** - Andebol - Sérvia x Portugal - EHF Cup Masculino - Qualificação, Macedónia
- .8 a 15** - Tiro e Tiro com Armas de Caça - ISSF World Cup Shotgun, Tucson (EUA)
- .12 e 13** - Ciclismo (BTT) - Taça do Mundo,

- Pietermaritzburg (África do Sul)
- .13** - Atletismo - Maratona de Londres (Reino Unido)
- .16 a 20** - Pentatlo Moderno - Taça do Mundo, Chengdu (China)
- .17 a 21** - Equestre - Western European League Final, Lyon (França)
- .19 a 26** - Vela - ISAF Sailing World Cup Hyeres (França)
- .21** - Atletismo - Maratona de Boston (EUA)
- .22 a 27** - Tiro com Arco - Archery World Cup Stage 1, Xangai (China)

- .23 a 27** - Badminton - Campeonato da Europa, Kazan (Rússia)
- .24 a 27** - Judo - Campeonato da Europa, Montpellier (França)
- 26 a 27** - Triatlo - 2014 ITU World Triathlon Cape Town (África do Sul)
- 28 a 5 Mai** - Ténis de Mesa - Campeonato do mundo de Equipas, Tóquio (Japão)
- 30 a 3 Mai** - Pentatlo Moderno - Taça do Mundo, Budapeste (Húngria)

MAIO

- .2 a 4** - Canoagem - Taça do Mundo Sprint, Milão (Itália)
- .3 a 4** - Rugby - IRB Sevens World Series 2013/14, 8ª etapa, Glasgow (Reino Unido)
- .4 e 5** - Triatlo - 2014 Antalya ITU Triathlon European Cup (Turquia)
- .8 a 15** - Vela - Garda e Trentino Olympic Week (Itália)
- .9 a 11** - Judo - Grand Slam, Baku (Azerbaijão)
- .9** - Atletismo - Diamond League, Doha (Qatar)

- .9 a 1 Jun** - Ciclismo - Volta à Itália
- .10 a 11** - Rugby - IRB Sevens World Series 2013/14 - 9ª Etapa, Londres (Reino Unido)
- .12 a 18** - Ginástica Artística - Campeonato da Europa Feminino, Sófia (Bulgária)
- .13 a 18** - Tiro com Arco - Archery World Cup Stage 2, Medellin (Colômbia)
- .16 a 25** - Tiro e Tiro com Armas de Caça - ISSF World Cup Shotgun, Almaty (Cazaquistão)
- .16 a 18** - Canoagem - Taça do

- Mundo Sprint, Racice (Rep.Checa)
- .17** - Atletismo - Diamond League, Xangai (China)
- .17 e 18** - Triatlo - 2014 ITU World Triathlon Yokohama (Japão)
- .19 a 25** - Ginástica Artística - Campeonato da Europa Masculino, Sófia (Bulgária)
- .23 a 25** - Canoagem - Taça do Mundo Sprint, Szeged (Húngria)
- .23** - Futebol - Qualificação para o Europeu Sub-21 - Macedónia x Portugal (local a determinar)

- .25 a 8 Jun** - Ténis - Roland Garros (França)
- .30 a 1 Jun** - Canoagem - Campeonato da Europa de Slalom, Viena (Áustria)
- .30 a 1 Jun** - Remo - Campeonato da Europa, Belgrado (Sérvia)
- .31** - Atletismo - Diamond League, Eugene (EUA)
- .31 a 1 Jun** - Judo - European Open Madrid (Espanha)
- .31 a 1 Jun** - 2014 ITU World Triathlon London (Reino Unido)
- .31 a 15 Jun** - Hóquei - Camp. Mundo, Haia (Holanda)

JUNHO

- .3 a 8** - Vela - ISAF Women's Match Racing Worlds, Cork (Irlanda)
- .3 a 15** - Ginástica Rítmica - Campeonato da Europa, Baku (Azerbaijão)
- .4 a 13** - Tiro e Tiro com Armas de Caça - ISSF World Cup Rifle / Pistol / Shotgun, Munique (Alemanha)
- .5** - Atletismo - Diamond League, Roma (Itália)
- .6 a 7** - Pentatlo Moderno - World Cup Final, Sarasota (EUA)
- .6 a 8** - Canoagem - Taça do Mundo de Slalom, Lee Valley (Reino Unido)
- .7 a 8** - Rugby - FIRA Grand Prix Sevens, Moscovo (Rússia)

- .7 a 14** - Esgrima - Campeonato da Europa, Estrasburgo (França)
- .7 a 14** - Vela - Campeonato da Europa Laser, Split (Croácia)
- .10 a 15** - Tiro com Arco - Archery World Cup Stage 3, Antalya (Turquia)
- .11** - Atletismo - Diamond League, Oslo (Noruega)
- .11** - Andebol - Portugal x República Checa - Qualificação para o Campeonato da Europa Feminino - 2014 (local a determinar)
- .12 a 13** - Equestre - (Concurso Completo) - Luhmuhlen CCI**** (Alemanha)
- .12 a 13 Jul** - Futebol - Campeonato do Mundo (Brasil)

- .12 a 15** - Canoagem - Taça do Mundo de Slalom, Ljubljana (Eslovénia)
- .13 a 21** - Tiro ISSF World Cup Rifle / Pistol, Maribor (Eslovénia)
- .14** - Atletismo - Diamond League, Nova Iorque (EUA)
- .14** - Andebol - Montenegro x Portugal - Qualificação para o Campeonato da Europa Feminino - 2014 (Montenegro)
- .14 a 15** - Rugby - FIRA Grand Prix Sevens, Manchester (Reino Unido)
- .14 a 22** - Ciclismo - Volta à Suíça
- .16 a 27** - Tiro com Armas de Caça - European Championship Shotgun, Sarlospuszta (Hungria)

- .20 a 22** - Triatlo - 2014 ETU Triathlon European Championships, Kitzbuehel (Áustria)
- .20 a 22** - Canoagem - Taça do Mundode Slalom, Praga (Rep.Checa)
- .20 a 22** - Remo - Taça do Mundo, Aiguebelette (França)
- .21 a 22** - Judo - Grand Prix Budapeste (Hungria)
- .23 a 6 Jul** - Ténis - Wimbledon (Reino Unido)
- .27 a 28** - Ginástica Trampolins - Taça do Mundo, Arosa (Suíça)
- .27 a 29** - Triatlo - 2014 ITU World Triathlon Chicago (EUA)
- .28** - Natação - Taça do Mundo 10km Maratona Águas Abertas, Setúbal

WITH YOU,
WE ARE HYDRATED.

Coca-Cola

WE ARE CONNECTED.

Atos

WE CREATE
AMAZING
CHEMISTRY.

Dow

OUR ATHLETES
ARE HEALTHIER.

GE

WE PLAY
TOGETHER.

McDonald's

MILLISECONDS
COUNT.

OMEGA

WE ARE ABLE
TO CAPTURE
EVERY MOMENT.

Panasonic

WE HELP MOMS
HELP FAMILIES.

P&G

WE CAN SHARE
GREAT MOMENTS
ANYWHERE, ANYTIME.

SAMSUNG

WE ACCEPT
THE WORLD.

VISA

WITH YOU, WE ARE THE
OLYMPIC WINTER GAMES.

©IOC 2013



THE WORLDWIDE OLYMPIC PARTNERS

olympic.org/sponsors

THANKS TO OUR OLYMPIC PARTNERS FOR
MAKING THE OLYMPIC WINTER GAMES POSSIBLE.